

# Para Sarney, PDS é quem vai decidir a sucessão presidencial

Tarcisio Holanda,  
da Editoria Política

O presidente do PDS, senador José Sarney, atribuiu a organização de grupos oposicionistas as vaias que sofreu o presidente da República em concentrações públicas realizadas em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Curitiba e no Rio de Janeiro, lamentando que essas provocações venham a ocorrer com o seu partido que, segundo ele, não pode ser acusado do mesmo procedimento em relação aos comícios das oposições.

Em almoço, no Senado, com jornalistas políticos, Sarney declarou que a reforma constitucional terá que vir por consenso dos partidos no futuro Congresso, como uma espécie de coroamento da abertura política e acentuou que, embora seja prematuro falar da sucessão presidencial, antes de 1984, a questão será resolvida dentro do seu partido, não admitindo a hipótese de que as oposições venham a fazer maioria absoluta no colégio eleitoral.

## OTIMISMO

O presidente do PDS continua alimentando grande otimismo em relação ao desempenho eleitoral do seu partido, o que o leva a repetir que o PDS conquistará vitórias em 16 Estados. Nega que esteja dominado pelo triunfalismo, sustentando que se trata de uma previsão realista ("fui até parcimonioso na previsão").

O balanço, Estado por Estado, mostra que o desempenho do partido esteve acima da expectativa dos seus próprios dirigentes, segundo Sarney. Lembrou que o PDS partiu para a campanha enfrentando "a oposição dona da situação, e nós apontados como em situação francamente desfavorável".

Observou que, graças à estrutura partidária e à existência em seus quadros do mais numeroso grupo de lideranças, o PDS conquistou uma posição de igualdade, "chegando a despontar como favorito em Estados onde os observadores nos apontavam como fora do páreo, a exemplo do Rio Grande do Sul, Pernambuco e o Pará".

Negou que as mudanças casuísticas na legislação eleitoral tenham cercado a eleição de uma forma a conter o avanço oposicionista em diversos Estados, argumentando que, na verdade, casuísmos são opções de mudanças na lei eleitoral sempre polêmicas, de um lado ou de outro, tal a diversidade de opiniões que essa matéria costuma suscitar.

Elogiou a abertura política, comparando-a com a da Espanha, que fora classificada de triste pelo noticiário internacional. Disse que o Brasil já tem o terceiro eleitorado do mundo entre as democracias ocidentais, e essa circunstância não impediu que grande massa de votantes visse um longo período de intensa disputa eleitoral.

Afirmou que as oposições espalhavam por todo o país que o PDS não teria acesso ao eleitorado dos grandes centros, quando se observou exatamente o inverso, pois o seu partido "passou a competir, em pé de igualdade, em muitos desses núcleos urbanos, como o Rio de Janeiro, onde, de uma expectativa de eleger apenas quatro deputados federais, desponta hoje como um competidor respeitável, que pode eleger 12 ou 15 deputados federais.

## DESESPERO

Sarney atribuiu ao trabalho de organização de grupos oposicionistas — que não identificou — as vaias que foram dirigidas contra o presidente da República nas concentrações realizadas em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, sexta-feira da semana passada, na Quinta da Boa Vista, no Rio, domingo, e em Curitiba, anteontem.

— Considero uma política de desespero dos adversários perturbar nossos comícios e concentrações. São pequenos grupos, que não aceitam a convivência democrática e que estão sempre prontos a provocar incidentes, impedindo a livre circulação de idéias. Esses grupos são minoritários e desejam toldar o projeto democrático do país — disse o presidente do PDS.

Elogiou o comportamento que o Presidente da República adotou diante desses incidentes, "numa atitude de devoção ao ideal da abertura, "sustentando que "essa posição elegante", coerente com o processo de liberalização, "foi compreendida pela maioria do povo, que a essa altura repele as provocações".

Valeu a pena, para Sarney, todo o trabalho de organização a que se entregou a direção nacional do partido, detalhando uma propaganda eleitoral que, para ele, se revelou eficaz. Graças à estrutura partidária, à posse de grande número de líderes e de algumas bandeiras democráticas, Sarney acha que o seu partido tornou-se competitivo e consolidou as posições onde era fraco.

Admitiu como possível que o PDS conquiste "um número aproximado" da maioria absoluta no colégio eleitoral, incluindo a Câmara dos Deputados, prevendo que o PMDB terá a sua grande decepção no Rio, "enquanto o PDS, vai fazer uma grande bancada".

Sarney afirmou que, a essa altura, já não há condições de alterar substancialmente as tendências do eleitorado, quando alguns repórteres se referiram a uma recuperação de Pedro Simon, no Rio Grande do Sul, ou de Tancredo Neves, em Minas, garantindo que seu partido será o vitorioso naqueles dois Estados.

Defendeu o governo diante das dificuldades econômicas argumentando que a crise tem uma evidente conotação internacional, ao mesmo tempo em que voltava a criticar as oposições, acusando-as de cometer um erro quando ataca duramente o governo como responsável pela crise.

## SUCESÃO PRESIDENCIAL

Diante de várias perguntas, Sarney afirmou que será prematuro suscitar o problema da sucessão presidencial antes de 1974, uma vez que o candidato terá de ser eleito pelo colégio eleitoral no dia 15 de janeiro de 1985.

Sarney disse, ainda, que a reforma constitucional ampla terá de vir por consenso, no futuro Congresso, pois nenhum partido terá condições de impor um modelo. Por fim, negou que esteja em curso qualquer plano para mudar a lei salarial em vigor, afirmou que tem a aspiração de presidir o Senado, mas que esperará pela eleição do novo Senado para adotar a sua posição.